

MEMORIAL CIRCUNSTANCIADO

apresentado pelo Prof. Dr. Jorge Cesar Mota
à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo, como
parte dos documentos exigidos para a inscri
ção ao Concurso para provimento efetivo de
um cargo de Professor-Assistente junto ao
Departamento de História, da disciplina de
História Ibérica, de conformidade com o edi
tal publicado no Diário Oficial do Estado
de São Paulo, em 04 de Dezembro de 1981.

1. - INFORMES PESSOALS

1.1 - NOME JORGE CESAR MOTA

1.2 - DATA DO NASCIMENTO 5 de ABRIL de 1912

1.3 - NATURALIDADE LISBOA, Portugal
NACIONALIDADE Brasileiro naturalizado

1.4 - FILIAÇÃO PAI: João Marques da Mota
Sobrinho
MÃE: Wilhelmine Lenz Cesar
Mota

1.5 - ENDEREÇO Rua Pedro de Toledo, 1222, apto. 113
04039 - São Paulo, SP

1.6 - C.I. R.G. 457924 - São Paulo

1.7 - TÍTULO DE ELEITOR Nº 71.446

1.8 - C.I.C. Nº 030961818

1.9 - C. de RESERVISTA Nº 82.261

APOSENTADO a partir de 6 de Abril de 1982, continuando, porém, a orientar os seus alunos de pós-graduação até à defesa das teses e dissertações deles.

2.1. Filho e neto de professores e pastores, nasci em Lisboa, Portugal, em 5 de Abril de 1912. Meu pai, português/ de nascimento, porém educado no Brasil, onde se casou, exercia o pastorado da Igreja Presbiteriana de Lisboa. Em 1922, a família retornou ao Brasil, dedicando-se também ao magistério. Eu tinha então 10 anos, e entrava em contacto pela primeira vez com a história da minha segunda pátria ao assistir no dia 15 de Novembro daquele mesmo ano, na Quinta da Boa Vista, o maravilhoso espetáculo, hoje ainda vivo na memória, do pendão brasileiro formado por milhares de jovens vestidos das suas cores, ondulando ao som do Hino Nacional. De Portugal, havia já trazido recordações de natureza histórica, como a comentários ouvidos em torno do final da Guerra, e a lembrança do enterro do Presidente Sidónio Pais, assassinado. A sômbra daquele coche tirado por várias parelhas de cavalos cobertos de negro e o solene cortejo, ao compasso da marcha fúnebre, os sinos das igrejas a dobrar, ficaram-me na lembrança. Agora, vem-me ao pensamento aquela citação de Goethe feita por Pierre Nora (Faire de l'Histoire, I, pag. 218): "Et vous pourrez dire: J'y étais!...". E fui, assim, um pouquinho, "testemunha histórica". E não foi a última vez, porque, pouco depois, havia de ver ainda em Lisboa, a massa popular em revolta, passando em baixo da janela da nossa casa, na Rua de Santo Amaro, a carregar sacos de gêneros alimentícios e até arquivos e máquinas de costura à cabeça. Muitos anos mais tarde, no Rio de Janeiro, da janela da empresa em que trabalharia, iria ver a multidão depredar e incendiar o edifício do O País.

2.1.1. Vivi alguns anos em Minas Gerais, onde meus pais passaram a viver exercendo o magistério, primeiro em Alto Jequitibá e depois em Caratinga. Nesta última cidade, onde até então nenhum colégio existira, meus pais fundaram o Ginásio Luso-Brasileiro. Naquele tempo, os professores eram escolhidos entre os profissionais liberais interessados na educação da juventude, com dotes de pedagogo, e cultura em artes específicas. Aprendi a base da matemática com um farmacêutico, geografia física com um dentista que me pôs na cabeça o contorno dos continentes, de cada país, dos lagos e das ilhas, a

linha sinuosa dos rios, os pontos das capitais e das cidades mais importantes, o relevo das serras e cordilheiras e todos os picos mais altos e os vulcões de todo o mundo, com os seus respectivos nomes. Dificilmente teria meu pai encontrado melhores mestres para seus filhos. Da Língua Pátria, papai se encarregou. E dou graças a Deus por isso. Não posso deixar de referir-me à importância do fato que teve para a minha vida a presença da bela biblioteca que ele formara em Lisboa e conseguiu trazer para o Brasil. Ali, sob a orientação dele, devo rei, um após outro, clássicos e românticos, cronistas, poetas, historiadores, místicos, oradores sacros. Li também alguns / franceses, ingleses e italianos em traduções.

2.1.2. Foi ali, em Caratinga, que me iniciei nas artes ti pográficas, compondo à maneira antiga, artigos e o noticiário da cidade, e ajudando a mover a máquina impressora, na redação do O Renascença, de propriedade de meu pai. Foi graças, em par te, aos artigos dele (assim dizia o povo da cidade) que o go- verno de Minas resolveu estender a linha da Estrada de Ferro, até aqueles confins da Zona da Mata.

2.1.3. Em 1927, mudamo-nos para São Paulo. Meu pai fora convidado a ensinar no Mackenzie College e no Curso Universi- tário José Manuel da Conceição. Alguns anos depois, fomos pa- ra o Rio porque fora chamado para dirigir o Departamento Inte- lectual da Associação Cristã de Moços. Então, levado pelas circunstâncias, abandonei temporariamente os estudos, e conse- gui emprego nas Empresas Elétricas Brasileiras. Em 1931, jus- tamente quando me promoviam para a chefia da administração do Departamento Legal, com salário que saltava dos "250 mil réis" para "um conto e quinhentos", receoso de ser enfeitiçado pelo progresso econômico, tomei a decisão de voltar a São Paulo e prosseguir nos estudos.

2.2. O Curso Universitário J.M.C. era, sem nenhuma dúvi da, o melhor estabelecimento de ensino pré-teológico existen- te no país. Seguia o modelo do College norte-americano quanto ao currículo, e oferecia aos estudantes a possibilidade de a- breviar o tempo de duração do curso. Os menos favorecidos de recursos — eu era um deles — poderiam pagar pelo menos parte dos estudos com o seu trabalho. Passei ali três anos e meio, por ter feito o 1º ano num semestre.

As aulas eram pela manhã, o trabalho e o esporte à

tarde, o estudo e o preparo dos exercícios à noite, frequentemente até a madrugada, ou durante o dia, quando sobrasse tempo. No começo, minha obrigação consistiu, por minha escolha, em capinar, construir cercas e, lenhador, abater a machado as árvores destinadas a alimentar os fogões da escola, reduzi-las a achas e depois levá-las nos ombros até o seu destino, talvez, a um quilômetro de distância. Outro tipo de atividade era a aplicação prática do que se aprendia nas aulas teóricas de química e de física. Participei do grupo encarregado da instalação das campainhas elétricas nas casas dos professores e na criação da nossa "companhia telefônica", ligando os quatro ou cinco aparelhos em ambos os lados do rio. O que não conseguimos foi melhorar o sistema de iluminação dos quartos que habitávamos e onde quase sempre varávamos a noite trabalhando à luz débil dos candeeiros fabricados de latas de azeite a cujo calor eu e os outros colegas preparávamos o chá de erva-cidreira colhida à tardinha, nas nossas caminhadas pela linha do trem. Esses passeios, feitos sempre após o jantar, eram a nossa escola peripatética em que conversávamos sobre literatura e filosofia.

Os cursos seguiam em geral um ritmo quase exaustivo. A gramática grega, em dois anos. O hebraico seguia o mesmo compasso. Importa dizer ainda que, excluídos os livros de língua e literatura portuguesa e brasileira, quase todos os outros eram obras usadas nos colleges norte-americanos, portanto, em língua inglesa. Da Lógica e Teoria do Conhecimento à Metafísica, às Ciências Cóslicas, Economia Política, Álgebra, Geometria e Trigonometria, Sociologia e Psicologia, bem como gramáticas das línguas mortas, inclusive o Latim, tudo em inglês. Tínhamos que aprender o inglês à força.

3. - FORMAÇÃO ACADÊMICA E TÍTULOS ACADÊMICOS

3.1. Em 1935, matriculei-me no Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana, em Campinas, onde continuei os estudos de Hebraico e do Grego bíblico (três anos) e fiz mais dois de História (especificamente, História Eclesiástica). Além das disciplinas especificamente teológicas, fiz também Religiões Comparadas e História da Educação. Bacharelei-me em 1937.

Licenciei-me com uma tese sobre o "monogenismo racial", na qual defendia a posição implícita no título, da qual hoje, e há já muitos anos, discordo inteiramente.

Obedecendo a um chamado imperativo para a carreira eclesiástica, consagrei a vida, durante os vinte anos seguintes exclusivamente no ministério evangélico, exercido em parte no pastorado de igrejas, em parte no trabalho com os jovens, ou como capelão de estabelecimento de ensino: sete anos no Instituto Mackenzie, um ano no Instituto José Manuel da Conceição.

3.2. Peço licença para abrir aqui um parêntese a fim de tratar daquela parte do meu aprendizado e preparação fora dos muros das escolas, mas que ainda agora julgo de valor incalculável para a minha formação.

No último ano do curso pré-teológico, eu fora eleito presidente da União Cristã de Estudantes do Brasil (que naquele tempo tinha outro nome). Quando estava já no penúltimo / ano do Seminário, tive uma entrevista com Mlle. Suzanne de Dietrich, na casa do Prof. Paul Arbousse Bastide. A Federação Mundial de Estudantes Cristãos, da qual ela era Secretária, considerava a possibilidade de o nosso movimento se filiar à F.M.E.C..

3.2.1. No ano seguinte recebi uma carta da Universidade de Genebra com a notícia de que havia uma bolsa à minha disposição, oferecida pela F.M.E.C. Infelizmente, várias circunstâncias me impediram de aproveitar a extraordinária oportunidade. "Meus ex-futuros...", diria Don Miguel de Unamuno. Foi assim / que, em vez de ir para Genebra, fui para Aracaju, onde iniciei a minha vida de pastor. Ali publiquei muitos artigos no Correio de Aracaju e fui eleito membro da Associação de Estudos Clássicos, na qual proferi uma palestra sobre as raízes da Filosofia de Borden P. Bowne. Fui também nomeado professor da Escola Normal, cargo que não cheguei a assumir. Retornei a São Paulo, a convite do Rev. Miguel Rizzo Junior, pastor da Igreja Presbiteriana Unida, para auxiliá-lo no pastorado e no púlpito, bem como na redação da revista do Instituto de Cultura Religiosa, Unitas.

3.2.2 Foi nesse tempo que me relacionei, indiretamente embora, com a Universidade de São Paulo. Entre os seus professores, havia um razoável número de protestantes. Entre os brasileiros, alguns, fazia tempo que me honravam com a sua amizade: os Profs. Otoniel Mota, Lívio Teixeira e Theodoro Henrique Maurer Jr., os três também, pastores. Outros, ilustres repre-

infantes da notável cultura protestante francesa, entre os quais destaco os nomes de Paul Arbousse Bastide, Roger Bastide e Émile G. Léonard, os quais, todos eles, estavam sempre dispostos a escrever artigos, a fazer palestras ou conferências em congressos de estudantes ou até a dar aulas na minha Escola Dominical, como o prof. Paul Arbousse. Maravilhoso estudo das parábolas de Jesus fez ele numa série na Igreja Unida!

Não poucas vezes, esses homens me aconselharam a ingressar na Universidade de São Paulo. Eu tinha, porém, compromisso com um "ministério evangélico de tempo integral".

Eleito, em 1944, Secretário Geral da União Cristã de Estudantes do Brasil, e logo depois, membro da Diretoria da F.M.E.C., num congresso realizado em Kottayam, na Índia, passei os onze anos seguintes exclusivamente dedicado a essas duas organizações, com licença do meu concílio eclesiástico.

A serviço da Federação Mundial ou do movimento brasileiro, visitei quase todos os Estados do Brasil e mais de vinte países em quatro continentes.

3,3 Naquele tempo, a meio caminho da ladeira ascendente da vida, preparava-me, sem me dar conta disso, para a última fase, ou, se Deus o permitir, a penúltima da existência. Eu percorria o mundo, honrando com humildade a parcela de sangue lusitano que me corria nas veias, como um modestíssimo português das sete partidas. Mas, sem que, nem de longe me apercebesse do fato, eu me preparava para uma futura responsabilidade, palmilhando caminhos batidos em que respirava História a cada passo. E o curioso é que quase todas, senão todas as minhas viagens ao exterior me ensejaram contactos com aquelas áreas às quais, cerca de vinte ou trinta anos depois, iria consagrar o meu tempo, particularmente na História Medieval e na História das Religiões. Hoje, compreendo melhor do que quando pela primeira vez o li, aquele trecho do Discurso do Método em que Descartes explica os motivos que o levaram a dedicar o resto da sua juventude à procura de nenhuma outra ciência senão a que podia encontrar nele próprio "ou bien dans le grand livre du monde [...] à voyager, à voir des cours et des armées, à fréquenter des gens de diverses humeurs et conditions, à recueillir diverses expériences, à m'éprouver moi-même dans les rencontres que la fortune me proposait." E ao final desse importantíssimo parágrafo, acrescenta o filósofo: "...ce qui me réussit beaucoup

mieux, ce me semble, que si je ne me fusse jamais éloigné ni de mon pays ni de mes livres." (Discours de la Méthode, final da Parte Primeira.)

Já agora, vêm-me à mente também as reflexões de Don Miguel de Unamuno sobre as suas viagens, e acode-me aquele parágrafo do meu saudoso orientador de Salamanca, o Prof. Manuel Garcia Blanco, a propósito da primeira visita que o seu mestre fez a Pompéia quando ainda muito jovem: "Es indudable — escreve — que aquel escenario clásico debió metérsele muy dentro del alma ao futuro profesor de Humanidades". (En torno a Unamuno, pag. 390). E não se deve esquecer que já Comenius recomendava as viagens aos futuros educadores. Didáctica Magna, XXXI, 14. Uma vez mais percebo que a Providência me guiava os passos.

3.3.1 Sempre aproveitando as oportunidades que a escolha dos lugares das reuniões da diretoria, ou das comissões de trabalho, ou também dos grandes congressos internacionais, me oferecia para, nos intervalos de horas, ou até de dias, excursionar pelos pontos de interesse histórico, eu aprendia e sonhava. Uma vez, por causa da pane de um dos motores de meu avião, já sobrevoando a Arábia, aonde ia visitar Maomé, tive de descer em Karachi e, num outro, seguir rota diferente e fazer o caminho de Abraão, desde Ur dos Caldeus, na margem direita do Tigre, até à terra de Canã. Quanto tempo levou o Patriarca para atingir seu destino! Naquela madrugada de domingo, eu seguia emocionado, lendo o Breviário do Provincial dos Jesuítas na Ásia, que ia no mesmo avião, o capítulo 12 de Gênesis. Quanto tempo devia ter levado o velho "arameu" para chegar ao seu destino? Nós fazíamos o percurso em menos de onze horas, confortavelmente, eu lendo a sua história. Vinha de reuniões de Puna, Bombaim, Madras, e, na costa de Malabar, Travancore, cujo Rajá nos ofereceu um chá nos jardins de seu palácio, e onde se realizou a comemoração solene do 1900º aniversário da chegada do Cristianismo à Índia.

3.3.2 Cochim ficava perto. Queria visitar o porto onde primeiro se estabeleceu a sede do governo português na região. Ali estiveram Pedro Álvares Cabral, Afonso de Albuquerque e Vasco da Gama. Foi ver a Igreja que o Gama mandou construir, mas desde 1663 uma Igreja Protestante. Era sábado, e fui à Sinagoga. Pelo caminho, observava os judeus, muitos bem jovens, lendo os textos bíblicos. Passou-me pela cabeça a lembrança de que nas Car

tas de Afonso de Albuquerque (VI p. 394) há referência ao famoso caso do filho do corregedor que levou de Lisboa, num cofre, muitos Rolos da Torá que vendeu a alguns judeus de Cochim. Levava alvará do Rei D. Manuel, mas o Vice-Rei mandou recolhê-los e devolver o dinheiro... (Cf. Franz Hümmerich, Estudo Crítico do Diário de Viagem de Vasco da Gama, II, p. 261).

Visitei também a Igreja de São Tomé, em Malankara, perto de Cranganur, em cuja parede está chantada a cruz que se afirma ter sido construída pelo próprio apóstolo. Tirei uma fotografia dessa pequena igreja.

Em Ernákulam, o Pe. da Igreja Mar Toma insistiu para que meu companheiro de viagem, George Crespy, de Montpellier, e eu pregássemos, num domingo de manhã, no mesmo serviço religioso. Resolvemos o problema, preparando juntos a mensagem sobre o mesmo texto bíblico: Um sermão pregado em inglês de dois sotaques, interpretado para o malaiala, que não durou mais de 40 minutos.

3.3.3 Na viagem para Madras, em companhia do Secretário Geral do Conselho Mundial de Igrejas, Dr. Visser't Hooft, tive ocasião de conhecer o filósofo e principal líder do Hinduismo, Rhada-Krishna, que tomou o nosso avião no meio do caminho. Cedei-lhe o meu lugar para que os dois antigos companheiros em Cambridge pudessem conversar. Mas fiquei bem atrás para ouvir o que diziam os dois grandes pensadores.

3.3.4 Na Universidade de Tambaram, em Madras, participei de outra conferência mundial, da qual tive de dar relatório à UNESCO. No interior, conheci uma grande fazenda de seringueiras, cujo proprietário, um indiano, concordou comigo que tinham ido do Brasil. Visitei outras regiões, hospitais de tuberculosos e de leprosos, construídos ou adaptados e dirigidos e mantidos por jovens estudantes de medicina, filiados ao nosso Movimento.

3.4 Depois, o Nilo, o Cairo, as pirâmides, e as visões de há 5.000 anos. Logo, Atenas: uma palestra no Centro Acadêmico da Universidade. Uma conversa provocada pela minha pronúncia do Grego. A Acrópole. O Partenon, o Erectéion. A visão de Sócrates, Platão, Aristóteles, os sofistas, os estóicos. São Paulo no Areópago. Lá está o texto de Atos 17 gravado na pedra. Os sinais da passagem dos árabes. Reman e o Milagre Grego.

pera em qualquer ponto do globo a que aportasse, mesmo que me deixasse um pouco confuso, como ao companheiro de Vasco da Gama ocorreu, num templo que lhe pareceu estranho, em Calocuto, segundo conta Fernão Lopes Castanheda na sua História do Descobrimento (I, XVI): "Se isto é diabo" (murmurava ele no meio do serviço religioso) "eu adoro a Deus verdadeiro". E Vasco da Gama, que o ouviu, olhou para ele sorrindo-se." (Apud Branquinho da Fonseca em nota a texto de Alvaro Velho, Viagem de Vasco da Gama em descobrimento da Índia pelo Cabo da Boa Esperança, in As Grandes Viagens Portuguesas, Portugalia Edit., s/data.)

3.6.1 Na Índia, a religião está em cada lugar e a toda hora, nas formas e experiências mais diversas, desde as mais estranhas atitudes dos faquires até à cidade fechada dos parses, no coração de Bombaim; desde os monges brâmanes e dos gurus aos muçulmanos que, em qualquer lugar em que estejam, ao ouvirem o chamado à oração pelo muadim, põem-se em atitude de adoração, olhando na direção de Meca. Lembro-me do rapaz cantando hinos de lamentação, quando matei uma barata no pátio da Universidade de Madras; da triste e sofrida indiferença com que ali se observa uma criança morrer de inanição em plena rua; ou do professor de uma universidade de uma grande cidade da Índia, que me acordou às três e meia da madrugada, quando mal começava eu a dormir por causa dos percevejos, para levar-me a uma reunião de estudantes sentados em círculo, em silêncio só interrompido de quando em quando por alguém que lia um texto bíblico ou de algum clássico hindu.

Entre as grandes experiências no campo da religião e da teologia por que tive o privilégio de passar, destaco a participação nos trabalhos da 2ª Conferência do Conselho Mundial de Igrejas, que se realizou em Evanston (USA) em 1954, e a entrevista com Karl Barth, em sua casa, em Bâle, no inverno de 1952.

3.7 Em virtude dessa vida de correrias pelos caminhos do mundo, só em 1957 pude iniciar os meus estudos na Universidade de São Paulo. Bacharelei-me em 1959, Licenciado em 1960, em Filosofia.

Se nessa ocasião pudesse adivinhar que o meu destino era vir ter à História, talvez tivesse então resistido aos meus pendores para a Filosofia, possivelmente em virtude da afinidade teórica que ela tem com a Teologia, e tivesse preferido o ma

ravilhoso campo de pesquisas e reflexão que é a História, aliás, de importância fundamental também para a Teologia.

3.8 Alguns tempo depois, candidatei-me ao doutorado em Filosofia e escolhi o saudoso amigo e mestre, Prof. João Cruz Costa, para orientador. Ele próprio ajudou-me a escolher o problema para a minha tese: "O irracionalismo em Don Miguel de Unamuno". Os examinadores nas disciplinas subsidiárias eram os professores Lívio Teixeira e Julio Garcia Morejón, os quais me deram a incumbência de pesquisar, respectivamente, sobre a "Filosofia alemã na 1ª metade do séc. XIX" e "Las huellas bíblicas de/ ~~em~~ Don Miguel".

3.8.1 Eu precisava ir a Salamanca, mas como?! Na idade em que me achava (40 anos), já não era fácil obter recursos para viagem de estudos e pesquisas, e as minhas tentativas nesse sentido foram mesmo em vão. Além disso, pior do que a idade do candidato, era o objeto da pesquisa, tão estranho e tão "sem interesse" para o progresso da ciência no Brasil. Quando estava a ponto de desanimar, lembrei-me de que, durante a Conferência de Evanston, o então reitor do Seminário Presbiteriano de Carcavelos (Portugal), Dr. Michael Testa, manifestou interesse em que eu fosse dar cursos ali. A resposta foi favorável, concordando inclusive com os arranjos necessários para que eu pudesse ir a Salamanca de quando em quando. Passei o ano letivo de 1962 ensinando História do Pensamento Teológico Contemporâneo, Ética e Apologética, e também, pesquisando em Salamanca.

3.8.2 Mas logo no início do meu trabalho na Casa Museu / de Don Miguel de Unamuno, na antiga Casa Rectoral da Universidade de Salamanca, recebendo da filha de Don Miguel, Felisa, encarregada da direção do Museu, a melhor ajuda e atenções, e pesquisando sob a orientação do Prof. Manuel Garcia Elanco, a cuja memória rendo minha mais sincera homenagem, esbarrei num grave problema: em Nápoles havia sido defendida, havia pouco, uma tese exatamente sobre a questão do irracionalismo em Unamuno e, ao mesmo tempo, à proporção que caminhava na leitura das obras completas e dos artigos censurados, às centenas, guardados numa grande caixa, lendo o que podia da sua correspondência, ficava mais inclinado para a idéia de que a subsidiária de Morejón era mais importante do que a tese que me propusera e, com autorização do meu orientador, alterei o campo da minha pesquisa. Na USP

ou era transferido, como pesquisador o candidato ao doutoramento, da esfera da Filosofia para a da História, assumindo o Dr. Eurípedes Rímmon de Paula a orientação do candidato, o Prof. Morojón encarregou-me da nova pesquisa na subsidiária que, continuando na literatura de Espanha, se transformava em "saber se Unamuno se interessou pelo Corão", e o Prof. Barradas de Carvalho encarregava-me de uma pesquisa sobre Antero de Quental.

3.8.3 Resumindo todo esse complicado romance, direi apenas que recebi a nota máxima em ambas as subsidiárias, uma tratando de um estudo sobre as únicas catorze referências diretas ao Corão, a outra versando sobre a minha teoria de que o budismo de Antero teve algo que ver com o seu suicídio, idéia que não se encontra em nenhum dos especialistas. Quanto à tese, que tratou de estudar a impressionante presença da Bíblia em toda a obra de D. Miguel (mais de 4.000 citações ou referências) fui aprovado também com a nota máxima e louvor.

3.8.4 Uma Livre Docência malograda. Um belo objeto de pesquisa, a um tempo histórico e literário: A Idade Média na obra de Don Miguel de Unamuno, ou, melhor, O interesse de D. Miguel pela Idade Média. Uma pesquisa em grande parte realizada. Falta praticamente apenas a redação da tese. Mas ninguém pode escrever sem entusiasmo, e o meu, de repente, se acabou. Ultimamente, resolvi incluir na lista de meus projetos para o futuro, um livro sobre esse belo assunto.

4. TÍTULOS

- 4.1 Bacharel e Licenciado em Teologia
- 4.2 Bacharel e Licenciado em Filosofia
- 4.3 Doutor em Ciências Humanas (História)
- 4.4.1 Sócio fundador e membro da Diretoria da Sociedade de Estudos Filosóficos. (Extinta)
- 4.4.2 Sócio da Associação de Estudos Clássicos (Extinta)
- 4.4.3 Sócio da Sociedade de Estudos Históricos
- 4.4.4 Sócio e ex-presidente da Sociedade Cristianismo
- 4.4.5 Sócio e membro da Diretoria da Sociedade de Estudos da Religião.
- 4.4.6 Diretor do Departamento Cultural do Instituto Mackenzie, de 1955 a 1962.
- 4.4.7 Co-Diretor do Seminário Teológico Presbiteriano do Brasil, em Campinas. Da Comissão Especial de Curriculum da mesma Instituição, 1948.

- 4.4.8 Sócio fundador e ex-presidente do Conselho de Fraternidade Cristão Judaica.
- 4.4.9 Sócio do Instituto de Cultura Hispanica.
- 4.5.1 Conferencista do Institute on World Missions, Winnipeg, Canadá, 1954.
- 4.5.2 Membro da Comissão Julgadora do Concurso Internacional da Bíblia, promovido pelo Governo de Israel.
- 4.5.3 "Consultant Member" da 2ª Conferência do Conselho Mundial de Igrejas. Evanston, Ill. USA., 1954.
- 4.5.4 Membro da Organização de Entidades Não-Governamentais da O.N.U. em 1953-54.
- 4.5.5 Presidente da Comissão de Estudos do Congresso Mundial de Juventude Cristã. Universidade de Tambaram, Madras, / Índia. 1952.
- 4.5.6 Membro da Direção de Congressos Internacionais de Estudantes Cristãos. Kottayam e Nasrapur, Índia, 1952-53.
- 4.5.7 Id. em Mannheim e Tutzing, na Alemanha, em 1956.
- 4.5.8 Representante da "World Student Christian Federation" no Congresso Mundial da Sociedade Bíblica: Rio e São Paulo, 1957.
- 4.5.9 Presidente do Seminário Nacional de Escritores Evangélicos, Belo Horizonte, 1964.
- 4.6.1 Membro do Grupo de Tradutores da Bíblia de Jerusalém.
- 4.6.2 Antigo membro da Comissão de Revisão da Tradução da Bíblia de J. F. de Almeida, Rio de Janeiro.
- 4.7.1 Professor e Orientador de Cursos de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior, de Rudge Ramos, São Paulo, (a partir de 6 de abril de 1982).
- 4.7.2 Presidente do Presbitério de São Paulo da Igreja Presbiteriana do Brasil (1957-1958)
- 4.7.3 Membro da Diretoria da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, Campinas, 1947, 1948, 1959, 1960.
- 4.7.4 Representante da Y.M.C.A. Internacional em visita oficial de inspeção na A.C.M. de Coimbra, Portugal, 1952.
- 4.7.5 Membro do Congresso Ecumênico em Melun, França, 1962.
- 4.7.6 Preletor do Congresso de Universitários Cristãos em Madrid, 1962.
- 4.7.7 Membro visitante, convidado, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Fevereiro (17-26) de 1981, em Itatci.

4.8 Um título que não cheguei a possuir efetivamente, no íntimo honrando-me mais do que a maioria dos outros, peço venha para referir aqui. Trata-se de uma extraordinária experiência / que o saudoso Mestre Prof. Fernando ~~de~~ Azevedo me proporcionou. Numa data que não posso no momento precisar, telefonou-me o grande amigo combinando uma hora de encontro, foi à minha casa e levou-me no seu carro a "dar uma volta". Trouxe-me à Cidade Universitária e, logo à entrada, estacionou defronte do edifício destinado à Pedagogia. Queria mostrar-me as instalações do novo instituto. Percorremos todo o prédio e, finalmente, levou-me a uma bela e ampla sala e disse-me: "Esta 'será a sua sala. Ali está a sua mesa." Atônito e surpreso, ouvi que desejava que o viesse ajudar na obra que planejava realizar ali: eu seria um dos três diretores da instituição.

Confessei-lhe que, honestamente, não me sentia à altura da responsabilidade que queria generosamente pôr sobre os meus ombros. E havia ainda outro problema: O Instituto Mackenzie, de cujo departamento Cultural eu era o Diretor, passava na ocasião por uma série de crises e eu não me sentia bem em abandonar o meu amigo Dr. Peter Baker, que queria ser o último Presidente norte-americano da antiga instituição. O Prof. Fernando pediu-me que pensasse com simpatia sobre o seu convite. O Dr. Baker nobremente deixou-me à vontade para decidir. Não tive coragem de aumentar ainda mais os problemas que já afligiam o ilustre educador. O Prof. Fernando Azevedo aceitou com simpatia as minhas desculpas. E mais tarde eu iria ler em Unamuno aquela história dos "meus ex-futuros"...

4.9 Aprovado em concurso na disciplina de História Medieval, na USP, em 1976.

5. ATIVIDADES NOS CAMPOS DA FILOSOFIA, DAS LETRAS
E DAS CIÊNCIAS HUMANAS

- 5.1 Livros publicados (Alguns dos títulos)
- 5.1.1 - O Estudante Cristão (co-autoria com I. N. Salum, Th. H. Maurer e João Del Nero. S. Paulo, 1948.
- 5.1.2 - História da União Cristã de Estudantes do Brasil, em co-autoria com Wilson Fernandes. S. Paulo, 1939.
- 5.1.3 - Iniciação à Lógica Formal. Ed. mimeografada. 80 págs. S. Paulo, 1972 (?)
- 5.1.4 - Interpretação da Bíblia Sagrada. S. Paulo, 1951.
- 5.1.5 - Tito, meu Filho. S. Paulo, 1959.
- 5.1.6 - Cadernos de Sociologia, dois fasc. para uso da Escola Normal do Instituto Mackenzie. S. Paulo, 1968, 1969.
- 5.1.7 - Miguel de Unamuno e a Bíblia, Pref. do Prof. J. G. Morejón, ed. em offete, F.F.L.C.H., 690 págs., S. Paulo,
- 5.1.8 -- Orvalho de Hermon, Pref. do Prof. Roger Bastide e comentário de Eduardo Moreira. Lisboa, 1969.
- Poemas bíblicos traduzidos dos originais grego e hebraico.
- 5.1.9 - Laudate Deum (liturgia), S. Paulo, 1958.
- 5.2 Hinologia
- 5.2.1 - Vários hinos religiosos aproveitados em vários hinários evangélicos, de várias denominações, no Brasil, em Portugal, e nos Estados Unidos.
- 5.2.2 - (37) poemas traduzidos do Cantate Domino do inglês, francês, etc., para o Venite Exultemus, e para novas edições do Cantate Domino, hinários em reuniões ecumênicas internacionais. Genebra.
- 5.2.3 - Salmos huguenotes trad. dos originais para um hinário húngaro em língua portuguesa (em processo de trad.)
- 5.3 Traduções (Algumas das obras traduzidas)
- 5.3.1 - T. W. Manson, O Ensino de Jesus - ASTE - 378 (do inglês) S. Paulo.
- 5.3.2 - John A. Mackay, A Ordem de Deus e a Desordem do Homem, 154 págs. id.
- 5.3.3 - O. Kuhlman, Pedro, Discípulo, Apóstolo e Mártir, 290 págs. (do francês).
- 5.3.4 - Philippe Maury, Evangelização e Política, 111 págs.

- 5.3.5 - J. A. Mackay, Eu vos digo (do espanhol) 2a. ed. 274 págs. Lisboa, 1962.
- 5.3.6 - C. R. Erdman, A Epístola aos Gálatas, (do inglês) 106 págs. 1965.
- 5.3.7 - J. S. Whale, O Problema do Mal. S. Paulo, 1949,
- 5.3.8 - Bíblia de Jerusalém - Trad. do Grego - São Marcos e epístola de São Paulo a Tito. in 42 - 20 págs.
- 5.3.9 - Idem : Trad. do Hebraico - Juízes, 12 e 22 Samuel, 86 págs.
- 5.4 - Trabalhos de Revisão
- 5.4.1 - Revisão do livro de Duncan Alexander Reilly, História Documental do Protestantismo no Brasil - 550 págs.
- 5.4.2 - Revisão da obra de João Calvino, Institutio Christianae Religionis, em trad. portuguesa de H. A. Simon, Th. Henrique Maurer e I. N. Salum (o 12 volume a sair nos primeiros meses de 1982.)
- 5.5 - Colaboração em Enciclopédias
- 5.5.1 - Muitos artigos para a Enciclopédia Mirador (Enciclopédia Britânica do Brasil)
- 5.5.2 - Muitos artigos e verbetes para a Grande Enciclopédia Delta-Larousse.
- 5.6 - Revistas e Jornais
- 5.6.1 - Editor e redator-chefe:
- 5.6.2 - Fronteiras (para cursos universitários do Inst. Mackenzie) (um só número)
- 5.6.3 - O Mackenzie (Órgão oficial do I. Mackenzie (1955-1962)
- 5.6.4 - Biblos (Revista de Estudos Bíblicos) 5 anos
- 5.6.5 - Testimonium (Órgão Oficial da WSCF para a América Latina - edição bilingüe (4 anos)
- 5.7 - Artigos em várias revistas:
- 5.7.1 - The Ecumenical Review (C. M. I.) Genebra.
- 5.7.2 - The Student World (F. M. C. E.) Genebra.
- 5.7.3 - El Estudiante Cristiano (Mov. Est. Cristiano do Rio da Prata).
- 5.7.4 - O Educador, Lisboa.

- 18
- 5.8 - Artigos em Jornais no Brasil
 - 5.8.1 - Muitos artigos no O Estado de São Paulo
 - 5.8.2 - Id. nas Folhas (o último sobre Teilhar de Chardin, na Folha da Tarde.)
 - 5.8.3 - Alguns artigos na A Gazeta.
 - 5.9 - Em Revistas universitárias brasileiras:
 - 5.9.1 - Vários artigos na Revista de História, da USP
 - 5.9.2 - Um, na Revista de Pedagogia, da USP
 - 5.9.3 - Um, na Revista Trans/Form/Ação, da Fac. de Filosofia de Assis.
 - 5.9.4 - Um, na Rev. de Letras, da F. Fil. de Assis.
 - 5.9.5 - Um, na Anais de História, da mesma Faculdade.
 - 5.9.6 - Dois na Revista Teológica do Seminário de Campinas. E outros.
 - 5.10 - Prólogos
 - 5.10.1 Prefácio ao Tratado de Pedagogia Cristã, do Rev. Dr. Laudelino de Oliveira Lima, Rio de Janeiro, 1962. (Publicado em fascículos)
 - 5.10.2 Prefácio ao O Ensino de Jesus, de T. W. Manson, São Paulo, 1965.
 - 5.10.3 Prefácio ao Eu Vos Digo, de John A. Mackay, Lisboa, 1962.
 - 5.10.4 Prólogo ao Romeiros do meu Caminho, de Eudaldo Silva Lima, Brasília, 1981.
 - 5.10.5 Introdução à Edição brasileira da Instituição da Religião Cristã, de João Calvino, São Paulo, 1982 (no prelo) Edição da ASTE.
 - 5.11 - Conferências (Seleção)
 - 5.11.1 - "Questões de Hermenêutica", no Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana Independente, 1950.
 - 5.11.2 - "Evolução do Pensamento de Karl Barth", na Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, Campinas, 1964.
 - 5.11.3 - "A Idéia de Justiça no Novo Testamento", no mesmo local e ano.
 - 5.11.4 - "O que nos une", no Conselho de Fraternidade Cristão-Judaico.
 - 5.11.5 - "A presença da Bíblia na Literatura Universal", no Colégio Sion.

- 5.11.6 - "Questões fundamentais do Movimento Ecumênico", no Instituto Superior de Teologia (P.U.C.)
- 5.11.7 - "Bases bíblicas do Ecumenismo", no Seminário Maior do Ipiranga.
- 5.11.8 - "A Unidade da Igreja — uma visão protestante dentro do Conselho Mundial de Igrejas", na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.
- 5.11.9 - "Lutero e a Presença do Cristão no Mundo", na Igreja Presbiteriana de Brasília, em 26 de outubro de 1973.
- 5.11.10 - "Calvino e o Corpo de Cristo", id. no dia 27 de outubro.
- 5.11.11 - "Protestantismo, Crença e Comunicação", no dia 28.
- 5.11.12 - "Miguel de Unamuno e a Filosofia Existencialista", no Centro Universitário de Brasília, em 29 de outubro de 1965.
- 5.11.13 - "Unamuno e o Cristianismo", no Centro Cultural da Igreja Lusitana, em Lisboa, 1962.
- 5.11.14 - "O Movimento Cristão de Estudantes e o Estudo Bíblico", na Associação Cristã de Jovens do Porto, 1962.
- 5.11.15 - "O Testemunho Cristão na Universidade", no 2º Encontro Ibérico do Movimento Cristão de Estudantes, em 1962, Madrid.
- 5.11.16 - "Raízes da Moral Ocidental", na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, em 1970.
- 5.11.17 - "A Obra de Dom Miguel de Unamuno", no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, em 30 de setembro de 1974.
- 5.11.18 - "Série de seis palestras sobre os livros que compõem a Bíblia Sagrada à luz da Crítica Literária e Histórica, a convite de professores e alunos da Fac. de Filosofia de Marília.
- 5.11.19 - "Karl Barth e a crítica fundamentalista", na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, em 1964.
- 5.11.20 - "O Decálogo" (12 conferências), na mesma Igreja, em 1964.
- 5.11.21 - "O Nome de Deus e a palavra do homem".
- 5.11.22 - "O nome do homem e a Palavra de Deus".
- 5.11.23 - "Razão e Fé".

- 5.11.24 - "A Igreja, nossa Mãe", e outras conferências realizadas na Igreja Unida, durante o meu pastorado, no ano de 1964.
- 5.11.25 - "O Novo Testamento e a Crítica", na Igreja Presbiteriana do Jardim das Oliveiras.
- 5.11.26 - "A negação da Reforma".
- 5.11.27 - "Igrejas acusadoras ouvem o Senhor dizer: 'Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra'", id.
- 5.11.28 - "O Esperanto como Língua Universal e o problema do Discurso Sagrado", considerações em torno da tradução da Bíblia de Zamenhof em face do problema hermenêutico. No Centro de Esperanto do Instituto Mackenzie.
- 5.11.29 - "Parênesis Religiosas": desde 1950, raro é o ano em que não profiro um "sermão de formatura" de alguma das Faculdades de São Paulo e de outras cidades.
- 5.11.30 - "Que é o Budismo?" Duas palestras no Canal 2, em 1975.
- 5.11.31 - Três participações em debates sôbre História Antiga, no Canal 2, em 1974.
- 5.11.32 - "Caminhos de Abraão, nossos caminhos", em Brasília, 17/05/1981.
- 5.11.33 - "O sentido espiritual da História da Faculdade de Direito de São Paulo", nas Arcadas em 11 de Agosto de 1981.
- 5.11.34 - "A Igreja Reformada no contexto da Igreja Universal", no dia 15 de janeiro do corrente ano, no Instituto Pio XI, São Paulo.

5.12 Trabalhos Inéditos

- 5.12.1 "O Dr. Visser't Hooft e o Conselho Mundial de Igrejas" (ASTE) (No prelo).
- 5.12.2 "Antero de Quental e o Budismo" (falta redigir alguns capítulos).
- 5.12.3 "O Corão no Cancionero de Unamuno" (falta redigir alguns capítulos).

- 5.13 Trabalhos projetados (em fase preliminar de coleta de dados, bibliografia e, em alguns casos, de anos de estudo e reflexão.)
- 5.13.1 "Marco Aurélio e o estudo da filosofia em Roma".
- 5.13.2 "A Bíblia Sagrada no Corão. "Pesquisa sobre as razões das fantasias e discrepâncias.
- 5.13.3 "Re-edição crítica da "Vida de Jesus", de Miguel Torres, com Introdução e notas.
- 5.13.4 "Lógica e obra missionária", análise do pensamento e ação de Raimundo Lúlio.
- 5.13.5 "John Milton e os Valdenses".
- 5.13.6 "Historiadores bíblicos: estudo sobre os livros históricos da Bíblia, tanto do Velho como do Novo Testamento.
- 5.13.7 "William A. Waddell, missionário e educador".
- 5.13.8 Coletânea comentada do ponto de vista gramatical e lingüístico de textos selecionados da Bíblia, segundo o seu valor literário para uso de educandários, sem qualquer intenção proselitista, com introdução e notas. (Para as Edições Paulinas).
- 5.13.9 "A Bíblia na literatura universal, da antigüidade / aos nossos dias". Série de artigos para a Revista Bíblica, dos Salesianos. (Desenvolvimento de uma conferência realizada no Colégio Sion).
- 5.13.10 "História do Movimento Ecumênico nos próprios textos."
- 5.13.11 "A noção de história na Dogmática de Karl Barth".
- 5.13.12 "Unamuno e a História".
- 5.13.13 "O Islão nos Lusíadas".
- 5.13.14 "O interesse de alguns dos grandes historiadores pela historiografia bíblica e eclesiástica".
- 5.13.15 "O estímulo bíblico para a especulação filosófica".